

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

112

INSCRIÇÕES 483-485



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2013

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO* é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



INSCRIÇÃO FUNERÁRIA ROMANA NAS MURALHAS DE  
BEJA  
(*Conventus Pacensis*)

No decurso da intervenção arqueológica realizada entre Julho e Agosto de 2004, no âmbito do projecto *Parque de Estacionamento e Área de Jardim Público da Rua D. Manuel I – Bejapolis Programa de Requalificação Urbana da Rua D. Manuel I – Beja*, da responsabilidade da DEGEBE – Associação de Valorização do Património Cultural, sob a direcção científica de Miguel Serra, da empresa Palimpsesto, Lda., foi detectada uma epígrafe embutida num torreão das muralhas medievais da cidade de Beja (FIG. 1).

A epígrafe encontrava-se reutilizada como material de construção no aparelho exterior do torreão sul junto ao Parque de Estacionamento da Rua D. Manuel I, numa zona não abrangida pelo projecto de intervenção realizado neste local. Na mesma área é possível observar, aliás, outros elementos de época romana reaproveitados, como blocos de *opus caementicium* ou um fragmento de fuste de coluna gabro diorítico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Poderá parecer estranho que a epígrafe não tenha sido detectada antes, nomeadamente por Abel Viana que observou inúmeros materiais reutilizados nas muralhas de Beja. É que até aos trabalhos da Beja Polis nesta zona, o local foi pouco acessível e a parede do torreão onde se encontra a epígrafe estava totalmente rebocada, cobrindo a referida peça. Ainda se observam restos de reboco junto da epígrafe.

Acede-se ao local através da porta aberta numa parede acrescentada às muralhas em época contemporânea, formando um pequeno quintal junto ao torreão mencionado.

Trata-se do fragmento (a parte esquerda) do campo epigráfico, mui provavelmente, de uma placa funerária, de mármore de Trigaches.<sup>2</sup> A moldura é do tipo garganta encastrada seguida de ranhura. Um toro arredondado e liso definirá o limite da epígrafe (FIG. 2).

Dimensões: (32) x (22) x (20).<sup>3</sup>

Campo epigráfico: (29) x (18).<sup>4</sup>

Letras: 4,8.

Na l. 1, temos o início da usual consagração aos deuses Manes. Há, porém, um largo espaço ‘em branco’ até ao M, que ocuparia, verosimilmente, o centro da epígrafe. Aliás, é até bem provável que a fractura haja ocorrido precisamente na primeira perna desse M; de facto, apesar de não ser possível captar na foto, essa hipótese parece viável, pois se nota, ao tacto, um ligeiro sulco mais polido na zona de fractura. Por conseguinte, é de supor, na l. 2, a identificação da defunta<sup>5</sup> a começar em CAS e a terminar em CIA. A hipótese *Cas[sia]* afigura-se-nos verosímil,<sup>6</sup> mau grado a fractura (como a

---

<sup>2</sup> Apesar de Susana Correia logo nos ter escrito, a 5 de Agosto de 2004, «parece-me ser lisa (e por isso não deve ser um fragmento de cupa)», puséramos a hipótese contrária, uma vez que, numa primeira observação, se nos afigurar possível estarmos perante os dois toros a representar os aros das aduelas que habitualmente limitam lateralmente os textos das cupas de *Pax Iulia*. O campo epigráfico apresenta-se, porém, liso, o que não se coaduna com epígrafe exarada no dorso de cupa.

<sup>3</sup> Por estar incrustada, não foi possível medir a espessura na totalidade.

<sup>4</sup> A epígrafe está partida na parte inferior junto à base do H; a largura foi medida desde o início da moldura até onde está partida do lado direito.

<sup>5</sup> Sugerimos o feminino não apenas pela terminação *-cia* da linha seguinte, mas também por não haver *praenomen*. Se estivéssemos, porém, em presença de um nome único, esta hipótese cairia por terra.

<sup>6</sup> Temos, por exemplo, *Q. Cassius Vettonianus Pacensis* (IRCP 248) documentado numa ara guardada no Museu Regional.

fotografia mostra) não permitir ajuizar da existência de algum resquício do segundo S, que decerto desapareceu na totalidade. Atendendo ao que se disse acerca da espaçamento da l. 1, poder-se-ia supor, a seguir, a indicação do patronímico (duas siglas separadas por pontos); contudo, ficava pouco espaço para se reconstituir o começo do *cognomen*. Terminado em *-cia* e atendo-nos aos testemunhos do *conventus Pacensis* (critério que, obviamente, assumimos ser discutível), a nossa opção seria [*Patri*]cia, que se documenta como nome único em IRCP 247, por exemplo, e que é *cognomen* assaz representado na Península.<sup>7</sup> E optaríamos, nesse caso, por não haver indicação do patronímico, dada a evidente falta de espaço e por uma outra razão: é que se corre sério risco de estarmos perante o epitáfio de uma liberta, que só se identifica com dois nomes. *Cassia* e *Patricia*, apesar de hipotéticos, quadram bem à onomástica local, pois são antropónimos de cariz latino ‘clássico’, como o são os da maioria dos romanos documentados na epigrafia de *Pax Iulia*.

Falta-nos, porém, completar a l. 3. Na l. 4, lê-se, claramente, um H (apesar do desgaste ao nível da haste esquerda), com a barra visível, e a parte superior do S; será a fórmula final, a ser completada, naturalmente, pelo voto do costume. Portanto, para a l. 3, há duas hipóteses, de acordo com os hábitos epigráficos locais: a menção do dedicante, identificado por um nome ou pelo grau de parentesco, seguido da sigla *P(osuit)* ou a menção da idade. Sendo a menção da idade, poderia pensar-se numa eventual l. 5, em que viria, então, a identificação do dedicante; mas as medidas de que dispomos, confrontadas com o que é corrente na epigrafia pacense, sugerem-nos que uma l. 5 dificilmente existiria.

---

<sup>7</sup> Iiro Kajanto (*The Latin Cognomina*, Roma, 1982, p. 313) indica que, no conjunto do CIL, há na Península Ibérica 8 dos 20 testemunhos que registou. Só na Lusitânia, a darmos crédito à investigação feita para o *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, coordenado por Milagros Navarro Caballero e José Luís Ramírez Sádaba (Mérida / Bordéus, 2003), o mapa 225 (p. 258) mostra 10 testemunhos, dos quais três em Mérida e três na Quinta de Marim.

Sintetizando, pois, o resultado das nossas reflexões, apresentamos a seguinte proposta de interpretação:

D(is) M(anibus) [S(acrum)] / CAS[SIA? · PATRI?]/CIA ·  
[ANN(orum) ...][?]/ H(ic) · S(ita) · [E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra)  
· L(evis)] / <sup>s</sup> [...] ?

*Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Cássia (?) Patrícia  
(?), de ... anos (?). Que a terra te seja leve.*

O texto – pelo que dele se pode ver – foi paginado seguindo alinhamento à esquerda, com a fórmula inicial disposta segundo o eixo de simetria.

Os caracteres são actuários: D de pança avantajada; C oblongo, a denotar tendência para seguir a horizontal na parte superior e inferior; A aberto, de barra fina e vértices sublinhados, de *ductus* levemente inclinado para trás; S simétrico, mas oblongo (a assemelhar-se a Z).

Apenas dispomos destes poucos caracteres, pelo que é ainda mais hipotético do que o habitual propor uma datação com base na paleografia. Atendendo a que apresenta características formais semelhantes a outros monumentos da cidade, também apontaríamos, no entanto, para uma datação da 2ª metade do século II da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
MIGUEL SERRA



483

ESTELA FUNERÁRIA ROMANA DE CABEÇA BOA  
(TORRE DE MONCORVO)

No decurso de trabalhos agrícolas efectuados nos anos 90, surgiu mais uma inscrição na Quinta de Vila Maior, situada na planície do Vilarça, freguesia de Cabeça Boa (Torre de Moncorvo). Na verdade, já em 2001 tínhamos identificado uma ara dedicada a Júpiter pelos habitantes de um *vicus*.<sup>1</sup> A inscrição sofrera uma desmolduração com o objetivo de ser reutilizada na construção de algum muro; devido a isso, o nome do *vicus* continua a ser uma incógnita, mas as descobertas sucedem-se, criando assim alguma esperança de, um dia, ser possível a sua identificação.

Trata-se de uma estela funerária de granito, em bom estado de conservação, apenas danificada na parte superior (FIG. 1).

O campo epigráfico foi rebaixado para ser epigrafado e o fundo foi polido antes de ser cinzelado. São ainda visíveis restos de ocre vermelho no interior das letras, assim como no motivo ornamental de forma circular (suástica radiada do tipo trísceles), localizada na parte superior da inscrição. A utilização da suástica é um dos motivos decorativos mais comum na zona do Nordeste transmontano<sup>2</sup>, em especial na zona de Torre de Moncorvo;

---

<sup>1</sup> BAILARIM (Susana), «Dedicatória a Júpiter de Torre de Moncorvo», *Ficheiro Epigráfico*, 67, 2001, inscrição nº 300.

<sup>2</sup> COIMBRA (Fernando), «Lápides funerárias romanas com suástica em Portugal e Galiza», *Anuário Brigantino*, 30, 2007, 118.

as de tipo trísceles são as mais abundantes, em especial nas freguesias de Cabeça Boa, Adeganha e Cardanha<sup>3</sup>. Esta epígrafe não constitui, pois, exceção: apresenta uma suástica tipo trísceles com orientação para a direita, tendo sido esculpida na pedra através do rebaixamento. A parte rebaixada terá sido pintada de ocre vermelho, como ainda é possível observar.

Dimensões: 146 x 41 x 37.

Campo epigráfico: 71 x 33.

FLAVINV/S · FLAVI(i) · F(i)lius) / AN(norum) · XXV  
(quinque et viginti) · / CORNELIV/S · AV(u)NCVL/VS · ET  
· SVNVA / MATER · FAC(iendum) · / CVRARVNT · H(ic) · /  
[S(itus)] [?] · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) ·

*Aqui jaz Flavino, filho de Flávio, de vinte e cinco anos. O tio Cornélio e a mãe Súnua mandaram fazer. Que a terra te seja leve.*

Altura das letras: l. 1 e 2: 1,6; l. 3: 1,6/1,7; l. 4 a 8: 1,6; l. 9: 1,5. Espaços: l. 0,4; 2 a 5: 2; 6 a 8: 1,5; 9: 1; 10: 2.

Em relação à paginação, são ainda visíveis as linhas guias duplas, horizontais, das linhas 1 a 7.

O *ordinator* raramente conseguiu colocar uma palavra completa por linha, demonstrando a sua dificuldade na organização e cálculo do espaço. Na l. 3, terá exagerado um pouco na altura das letras, tentando corrigir o seu erro nas cinco linhas seguintes, o que fez com que os caracteres da l. 9 tivessem de diminuir de tamanho, para constarem dentro do campo epigráfico.

O texto surge alinhado de ambos os lados, nas primeiras quatro linhas; mas, a partir daí, as letras estão mesmo junto à moldura do lado direito, denotando a falta de espaço, visível nas l. 7 e 8, onde os *puncti distinguentes* redondos tiveram de ser

---

<sup>3</sup> BAILARIM (Susana), *Contributo para a Elaboração da Carta Arqueológica de Torre de Moncorvo*, [policopiado], Lisboa, 2000, [Tese de Licenciatura na F. C. S. H. da U. N. L.], 26-93.

colocados para além da moldura do texto. Na l. 8, o *ordinator* escreveu CVRARVNT, com as últimas quatro letras em nexo, em vez de CVRAVERVNT; poderá ter sido devido à evidente falta de espaço, mas pode também tratar-se de reflexo da linguagem falada, em que a sílaba VE seria omitida.<sup>4</sup> A pátina que cobre a l. 9 (Fig. 3) não nos permite garantir como se terá concluído a habitual fórmula final, que se inicia com o H(*ic*) da l. 8; afigura-se-nos que há espaço apenas para uma letra, que poderá ser S – como preconizamos – ou E(*st*).

Em relação ao tipo de escrita, que é actuário, denota-se uma maior preocupação em torná-la mais perfeita e cuidadosa nas primeiras seis linhas, o que não acontece com as três restantes. O M ocupa demasiado espaço (quase duas letras), dando origem a que FAC tenha ficado mais apertado.

À exceção de *Sunua*, os nomes aqui presentes são tipicamente latinos e até frequentes na onomástica peninsular: não é, por exemplo, de admirar que *Flavinus* seja filho de *Flavius* (ou de *Flavus*, se se preferir), pois que deste pode considerar-se um diminutivo.<sup>5</sup> *Cornelius* – aqui utilizado seguramente como nome único e não como gentílico<sup>6</sup> – documenta-se abundantemente. *Sunua*, por seu turno, inscreve-se na onomástica tipicamente lusitana,<sup>7</sup> e dele se registaram, até mui recentemente, mais de vinte testemunhos.<sup>8</sup>

O mais interessante na epígrafe será, sem dúvida, a questão relacionada com a perfeita aculturação desta família. Trata-se de uma mãe de origem indígena que casou com um *Flavius* de quem teve o filho, *Flavinus*. Por sua vez, o irmão chama-se *Cornelius*. E são precisamente os dois que mandaram fazer o monumento

---

<sup>4</sup> É um caso comum de *perfecta contracta*, de que há exemplos nos índices de CIL II, p. 1189. Aliás, também *aunculus* (por *avunculus*) se poderá situar no mesmo horizonte fonético: *u pro uu* (cf. CIL II, p. 1190).

<sup>5</sup> Vide ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Mércia, 1994, 367-370.

<sup>6</sup> Mais um testemunho de *nomina pro cognomina*: cfr. CIL II, p. 1200, e, no caso de *Cornelius*, Abascal p. 335.

<sup>7</sup> Vide VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim*.

<sup>8</sup> M. NAVARRO CABALLERO e J. L. RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 308, mapa 283.

funerário. Está, pois, também implícito não só o amor que esta mãe tinha ao filho, bem mas também a relação que tinha com o irmão, ou seja, a importância dada à família pelo lado materno.

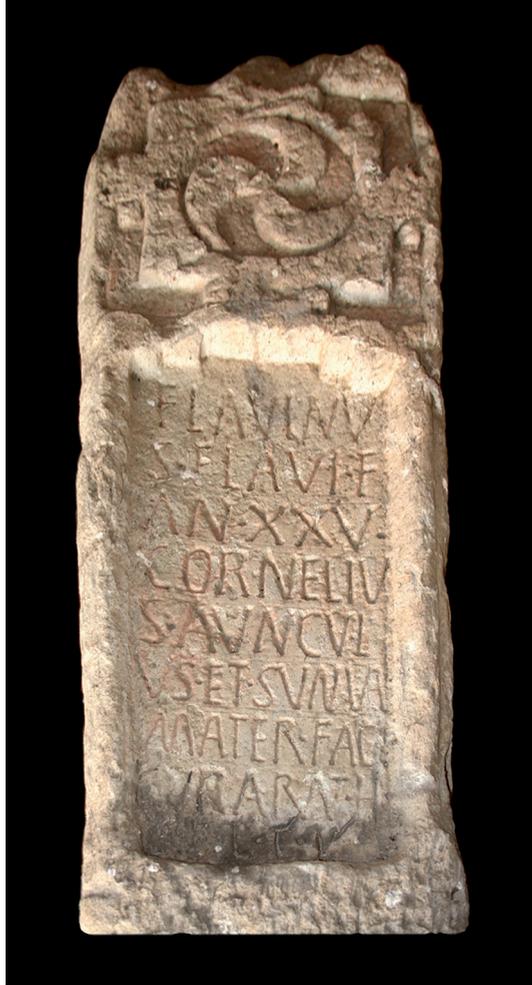
Convirá salientar, a propósito, os valores que os romanos desejavam nas suas mulheres: «boa mãe e boa esposa». Luís Fernandes<sup>9</sup> faz a isso referência, considerando que a *Parentalia* alude a um verdadeiro “catálogo” das virtudes femininas: “dócil, submissa, deve manifestar veneração pelo marido (...) laboriosa no lar (...) cuidar da educação moral dos filhos com dedicação (...)”, um sem número de qualidades.

Pela ausência da consagração inicial aos deuses Manes e pelo facto de os personagens nela referidos serem identificados apenas pelos *cognomina*, poderá tratar-se de uma inscrição datada de meados do séc. I da nossa era.

SUSANA BAILARIM

---

<sup>9</sup> FERNANDES (Luís), «A presença da mulher na epigrafia do *Conventus Scallabitanus*», *Portugalia*, nova série, vol. XX, 1998-99, p. 134.



FRAGMENTO DE ARA (RE)CONSTRUÍDA  
 PROCEDENTE DE CLUNIA (BURGOS)<sup>1</sup>

El conjunto epigráfico del Museo de Burgos se caracteriza por su cantidad pero también por su calidad y variedad. Así, entre la mayor colección de dedicaciones a las *Matres* de la Península Ibérica, las estelas *oikomorfás* de Poza de la Sal o las lápidas procedentes de Lara de los Infantes con una singular representación iconográfica del banquete funerario, encontramos una ingente colección de piezas fruto de las diversas campañas de excavación o hallazgos fortuitos de la pretérita *Clunia Sulpicia*.

Ya aventurábamos en *Ficheiro Epigráfico* 478 que un paseo por las poblaciones del entorno de esta antigua capital conventual invitaba a deambular por sus callejuelas admirando los numerosos vestigios romanos repartidos por los muros de sus construcciones y a encontrar, en no pocas ocasiones, inéditas reliquias del pasado.

Esta misma situación es la que acontece en el Museo de Burgos, donde itinerar por sus salas incita a detenerse ante unas piezas epigráficas cuyo análisis sosegado da lugar a reinterpretaciones novedosas<sup>2</sup> o descubrir otras que han pasado

---

<sup>1</sup> Queremos dejar constancia de nuestro agradecimiento al Museo de Burgos por las facilidades que, en todo momento, nos ha brindado y que ha posibilitado, en gran medida, la redacción de esta nota epigráfica. Dicho reconocimiento, que personificamos en su directora, Dña. Marta Negro Cobo, deseamos hacerlo extensivo al resto de la plantilla de la citada institución.

<sup>2</sup> Sirva a modo de ejemplo la reciente publicación de uno de los firmantes sobre una nueva cohorte atestiguada en uno de los monumentos de este museo: J. Gómez-Pantoja – D. Fasolini – M. Rodríguez (2013), “*Centuria Coverti cohortis*

inadvertidas para la comunidad científica. Precisamente este es el caso de la pieza que presentamos.

Se trata de un pequeño fragmento de ara portátil realizada en piedra caliza blanquecina que se encuentra pulida en cada una de sus cuatro caras y conformada únicamente por el coronamiento completo y la parte superior del neto, donde se conservan restos tenues de un carácter seguro y otro probable. El resto de la pieza, perdida, ha sido reconstruida en época actual para facilitar su montaje expositivo.

El citado coronamiento presenta dos listeles y un *focus* central sobreelevado con rosa tetrapétala flanqueada por *fastigia* en cada lado mientras que una acrótera se ubica en cada ángulo. La separación con el neto está conformada por una triple moldura descendente, con el tercer listel en forma de espina de pescado. Se encuentra en buen estado de conservación pero, a pesar de la reconstrucción realizada, nada nos indica que efectivamente el zócalo sea tal y como hoy en día se conserva. Unos golpes en sus esquinas afectan a algunas de las acróteras que han quedado reducidas en tamaño, sobre todo la frontal izquierda. Unas pequeñas manchas de óxido se reparten por la superficie, fundamentalmente en el punto donde se unen cornisa y cuerpo central, en la zona derecha del *area tituli*, y en la acrótera izquierda de esta misma cara.

Medidas: (6,6) x 5-3 x 4 cm<sup>3</sup>

A +  
[-]a + [-]/---

Letra: 0,7

---

*VI Bracaerorum*”, *ZPE* 185, 286-290. Así como otras publicaciones recientes: J. Gómez-Pantoja (2010), “Un vaso celtibérico con problema”, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra* 18, 177-199 o F. Beltrán Lloris – B. Díaz Ariño (2007), “Altares con teónimos hispano-célticos de la Meseta Norte (Museos de Palencia, Burgos y Valladolid)”, [en:] M. Hainzmann (hrsg.) *Auf den Spuren Keltischer Götterverehrung (Akten des 5. FERCAN Workshop, Graz 9-12 oktober 2003)*, Viena, 29-56.

<sup>3</sup> Con posterioridad se ha procedido a realizar una reconstrucción hipotética de la parte perdida. Sí que podemos llegar a conocer, de forma aproximada, la longitud que tendría la pieza, sin embargo no existe certeza alguna de que el tránsito del neto al zócalo fuera realmente como se ha interpretado.

El campo epigráfico de (2,8) x 3 cm contiene un carácter, muy tenuemente inciso, en letra capital cuadrada correspondiente a una letra *A* que parece ir seguido de un trazo más del que únicamente parece apreciarse un rasgo vertical. En su cara posterior la fractura, al ser diagonal, hace que las medidas sean (2,3) x 3 cm.

Su hallazgo se remonta a la campaña de trabajos arqueológicos dirigidos por Blas Taracena en 1933 en la casa nº 1 de *Clunia* donde da noticia de su descubrimiento en los cuadernos o diarios de excavaciones que redactaba a medida que se sucedían las jornadas de trabajo. Concretamente queda anotada entre los materiales encontrados el día 27 de septiembre, realizando un exhaustivo dibujo de la pieza, primero a lapicero y posteriormente repasado a pluma, pero donde no constata la existencia de texto alguno.

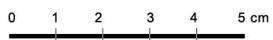
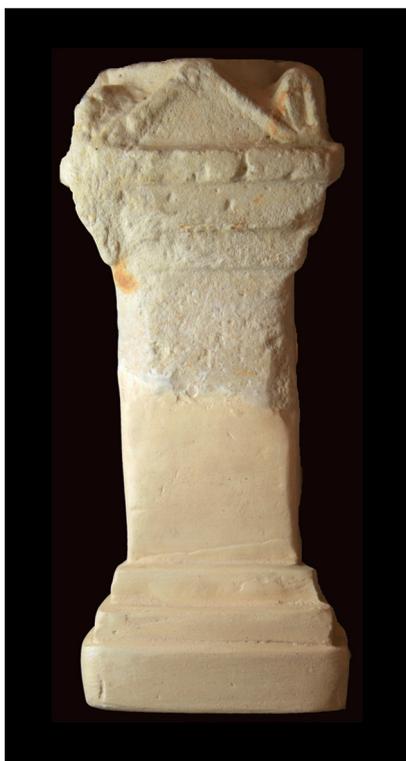
Todos los materiales procedentes de los trabajos de este arqueólogo entre 1932 y 1935 fueron depositados en el Museo de Soria, a expensas de un posterior estudio que, la Guerra Civil en primer término y el fallecimiento del propio Blas Taracera después, fueron dilatando *sine die* hasta terminar por no realizarse. El año 1980 marca el retorno definitivo del material cluniense a tierras burgalesas cuando se traslada su depósito al Museo de Burgos integrándose algunas piezas en la exposición permanente de la institución y alojándose el resto en sus almacenes. Allí hemos podido autopsiarla y fotografiarla en diversas ocasiones desde enero de 2012.

Por ello, y a pesar de los avatares sufridos, cuando menos resulta llamativo que haya pasado inadvertida en obras posteriores, como el catálogo epigráfico de *Clunia* publicado a finales de la década de los 80<sup>4</sup> pero del que su autor principal iba dando cumplida cuenta de su elaboración desde dos décadas antes<sup>5</sup>.

MARIANO RODRÍGUEZ CEBALLOS  
JAVIER SALIDO DOMÍNGUEZ

<sup>4</sup> P. Palol – J. Vilella (1987), *Clunia II. La epigrafía de Clunia*, Madrid, donde sí que se recogen otras piezas citadas en los cuadernos de excavación de Blas Taracena, incluso a veces reflejándose la mención directa a ellos.

<sup>5</sup> En la memoria de excavación de la campaña correspondiente a los años 1958-1959 ya aparece citado “llevamos un largo trabajo hecho (...) con ello esperamos en fechas próximas poder ofrecer un volumen de estudio de tan importante fuente histórico-arqueológica”. Agradecemos a D. Salvador Domingo Mena, Jefe de la Sección de Cultura y Educación de la Excma. Diputación Provincial de Burgos, y D. Carlos Marquina Verde, Archivero Provincial de la misma, las facilidades para la consulta de éste y otros documentos relacionados con *Clunia*.



485